

Dia Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho: crônica de um dia comum

Corpos de trabalhadores haitianos que morreram em explosões são sepultados no Paraná

Sete imigrantes morreram no acidente em silo da cooperativa C. Vale, em Palotina. Oitava vítima, um trabalhador brasileiro, também foi sepultado nesta sexta (28).

Por g1 PR e RPC

28/07/2023 07h59. Atualizado há 4 horas

<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2023/07/28/comunidade-despede-trabalhadores-haitianos-mortos-explosoes-palotina.ghtml>



Quando você for convidado

Pra subir no adro da Fundação Casa de Jorge Amado

Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos

Dando porrada na nuca de malandros pretos

De ladrões mulatos

E outros quase brancos

Tratados como pretos

Só pra mostrar aos outros quase pretos

E são quase todos pretos

Como é que pretos, pobres e mulatos

E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados

Pense no Haiti

Reze pelo Haiti

O Haiti é aqui

O Haiti não é aqui

(Haiti, Caetano Veloso e Gilberto Gil, Álbum Tropicália 2, 1993)

Há muito foi feito o convite. E um acidente ocorrido na véspera do Dia Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho, numa quarta-feira, dia 26 de julho de 2023, às 16h50min, foi a trágica notícia que motivou essas linhas.

De acordo com o [Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho \(SmartLab\)](#), de 2012 a 2022 foram registrados 6.774.543 acidentes de trabalho e 25.492 óbitos. Em 2022, foram notificados 612.920 AT e 2.538 mortes de trabalhadores, dados referentes ao mercado formal, com 40% de trabalhadores na informalidade e subnotificação estimada em 19%. Todos os dias, um trabalhador brasileiro morre a cada 4 horas em decorrência de acidente de trabalho. Há quanto tempo convivemos com esse cenário de guerra? E por que, numa sociedade que produz tantas riquezas, o direito ao trabalho digno e seguro, a uma vida digna e o próprio direito à vida ainda não são garantidos como direitos humanos?

Uma explosão, seguida de várias outras, atingiu um dos silos de secagem de grãos de milho da cooperativa agroindustrial C. Vale, em Palotina, oeste do Paraná. Até o momento foram contabilizados 8 trabalhadores mortos, 12 feridos e um desaparecido, também haitiano. Segundo o Corpo de Bombeiros, o trabalhador ainda desaparecido está sob uma carga de 10 mil toneladas de milho.

O capital explora a força de trabalho e descarta os corpos que não servem mais. Mais um corpo esmagado por 10 mil toneladas de grãos. Acompanho o noticiário. Imagens amadoras começam a pipocar nas redes sociais. Pessoas assustadas, escombros, fumaça e pedaços de alumínio voando no céu de Palotina. Na tv, bombeiros dão depoimentos sobre a gravidade do acontecimento e suas possíveis explicações, sobre as medidas de segurança e o uso de cães farejadores para a atividade de busca e resgate do corpo desaparecido. Logo surgem “especialistas” convidados a participar do noticiário e opinar sobre as razões da ocorrência do “incidente”. Engenheiro naturaliza riscos e explica o papel do “carboidrato” no milho, a presença de carbono e hidrogênio, poeira, partículas em suspensão como combustível para explosões. A segunda maior cooperativa do estado do PR certamente teria todas as condições de estabelecer mecanismos de prevenção: planta adequada, EPC, treinamento, “camadas de redundância”. Barreiras linguísticas e culturais teriam sido consideradas pelos empregadores no treinamento de trabalhadores migrantes Internacionais?

Busco mais informações sobre o acidente e as manchetes que surgem na internet tratam de explosões, mortes, feridos, desaparecidos. Reparo que, na maioria, não aparece a palavra “trabalhador”. O comunicado da empresa refere como prioridade a “mobilização de todos os esforços e recursos necessários à preservação da integridade dos colaboradores atingidos pelo incidente e apoio aos familiares das possíveis vítimas atingidas”. Colaboradores? Possíveis vítimas?? Reportagem do Globo Rural aponta que não se trata de caso isolado – com a explosão da C. Vale, acidentes em silos totalizam 14 mortes de trabalhadores somente em 2023 (<https://globorural.globo.com/agricultura/noticia/2023/07/com-explosao-na-c-vale-acidentes-em-silos-somam-ao-menos-14-mortes-em-2023-relembre-outros-casos.ghtml>).

Outra reportagem de Rafael Machado para o G1 do Paraná (<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2023/07/28/em-busca-de-melhoria-de-vida-entenda-os-motivos-dos-haitianos-virem-ao-parana-para-entrar-no-mercado-de-trabalho.ghtml>) destaca que houve um *boom* de migrações de haitianos em 2016 no estado. A inserção de haitianos em Cascavel e sua relação com o trabalho foi objeto da pesquisa de Nunes e Antonello (2020). De acordo com a reportagem, o autor da pesquisa que deu origem à tese de doutorado “Migração e trabalho dos haitianos no Paraná (2010 – 2022)”, refere que a entrada no mercado de trabalho brasileiro é marcada pela ocupação de postos de trabalho, principalmente em frigoríficos e cooperativas, em atividades menos qualificadas e totalmente diferentes das que os haitianos exerciam no país de origem. Além de problemas para a revalidação de diploma, o pesquisador destacou outras dificuldades enfrentadas no Brasil: “Um dos pontos que conseguimos observar nas questões enfrentadas pelos haitianos e que dificultam essa inserção no mercado de trabalho e o acesso à saúde é o racismo e xenofobia”.

E não importa se olhos do mundo inteiro possam

Estar por um momento voltados para o largo

Onde os escravos eram castigados

E hoje um batuque, um batuque

Com a pureza de meninos uniformizados

De escola secundária em dia de parada

(Haiti, Caetano Veloso e Gilberto Gil, Álbum Tropicália 2, 1993)

As notícias dão conta que o velório coletivo ocorreu nessa sexta-feira, no ginásio de esportes de Palotina, com a presença da comunidade haitiana que vive na cidade. O trabalhador brasileiro que morreu no acidente foi velado em uma capela particular.

Outra reportagem de Rafael Nascimento para o UOL (<https://paranaportal.uol.com.br/cidades/palotina-justica-obriga-cvale-a-liberar-funcionarios-para-velorio-de-colegas>) afirma que, “apesar da tragédia que chocou o país e matou 8 trabalhadores, não houve paralisação das atividades na cooperativa”. E mais que isso. A direção da empresa não liberou os trabalhadores para chorar e lamentar a morte dos colegas. A presença no velório e sepultamento só foi possível mediante atuação do MPT-PR que recorreu à tutela judicial para garantir “o respeito aos direitos humanos – em especial, o direito ao luto dos trabalhadores”. Teremos ao menos o direito de chorar os nossos mortos?

Daqui a pouco, vida que segue. Enterrados os mortos, as manchetes irão rarear até desaparecerem. A cooperativa restaurada continuará trabalhando “a todo vapor”. Amanhã a comoção passa e parece que “tudo volta ao normal”. O Brasil bate mais um recorde na exportação de grãos. O colega de trabalho afirma na tv: “nós haitianos somos todos uma família”. Na reportagem aparecem as imagens dos 7 trabalhadores do Haiti. Não são números, são pessoas. E, imediatamente, a música de Caetano e Gil vem à mente: “E são quase todos pretos. Como é que pretos, pobres e mulatos. E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados. O Haiti é aqui...”.

NUNES, L. A. G.; ANTONELLO, I. T. A inserção do migrante haitiano no mundo do trabalho no município de Cascavel/PR. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 21, n. 78, p. 65–77, 2020. DOI: 10.14393/RCG217852969.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/52969>. Acesso em: 29 jul. 2023

Rio de Janeiro, 29 de julho de 2023.

Élida Hennington

PS: Dedicado ao amigo Bonfatti.